

Com cenário incerto, mercado espera novo corte de 0,25 ponto na Selic

Pressão inflacionária em razão da guerra no Oriente Médio deve levar o Copom a repetir redução tímida da taxa básica

Por **Gabriel Caldeira**, **Victor Rezende** e **Gabriel Roca**, Valor — São Paulo

27/04/2026 05h02 - Atualizado há 2 horas

Com uma Selic em território bastante contracionista, mas sob um contexto de elevada incerteza e pressão inflacionária em razão da guerra no Oriente Médio, o **Comitê de Política**

Monetária (Copom) do Banco Central

deve optar por repetir a sua última decisão e novamente cortar a taxa

básica de juros em 0,25 ponto

percentual, a 14,50%, na reunião que se encerra na quarta-feira.

Essa é a expectativa da ampla maioria dos 122 participantes do mercado, entre bancos, gestoras de recursos e consultorias, consultados pelo **Valor** em pesquisa realizada menos de uma semana antes da próxima decisão do colegiado. Ao todo, 114 casas apontam que a Selic terminará este mês em 14,50%, enquanto cinco esperam manutenção dos juros no patamar atual e apenas duas avaliam que um corte maior, de 0,5 ponto percentual, seria mais apropriado.

Flexibilização tímida

Projeções* para a taxa Selic (em % a.a.)

Instituições financeiras	abr/26	dez/26	Instituições financeiras	abr/26	dez/26
BRP	14,25	12,50	Suno Research	14,50	13,00
Tullett Prebon Brasil	14,25	13,00	Warren Investimentos	14,50	13,00
Ativa Investimentos	14,50	11,00	Oriz Partners	14,50	13,00
RB Investimentos	14,50	11,50	Pezco	14,50	13,00
Exploritas	14,50	12,00	Inter	14,50	13,00
Morgan Stanley	14,50	12,00	Itaú Unibanco	14,50	13,00
Oby Capital	14,50	12,00	Tendências Consultoria	14,50	13,00
Persevera	14,50	12,00	Banco Mercantil	14,50	13,00
Daycoval	14,50	12,00	Opportunity	14,50	13,00
UBS BB	14,50	12,00	Occuramly	14,50	13,00
J.P. Morgan	14,50	12,25	Carvas Capital	14,50	13,00
Banco Safra	14,50	12,25	Armor Capital	14,50	13,00
AZ Quest	14,50	12,25	Polo Capital	14,50	13,00
HSBC	14,50	12,25	Way Investimentos	14,50	13,00
ABBC	14,50	12,50	Apex Capital	14,50	13,00
Ágora Investimentos	14,50	12,50	BuySideBrazil	14,50	13,00
Bradesco	14,50	12,50	TS Lombard	14,50	13,00
Citrino Gestão de Recursos	14,50	12,50	Rio Bravo Investimentos	14,50	13,00
Eytse Estratégia	14,50	12,50	Goldman Sachs	14,50	13,00
Genial Investimentos	14,50	12,50	Natixis	14,50	13,00
Oxford Economics	14,50	12,50	ABC Brasil	14,50	13,25
Planner	14,50	12,50	Citi	14,50	13,25
Rabobank	14,50	12,50	E2+ Economia	14,50	13,25
Santander	14,50	12,50	Lifetime Gestão de Recursos	14,50	13,25
Santander Asset Management	14,50	12,50	Banco Fibra	14,50	13,25
Travelex Bank	14,50	12,50	Banco Pine	14,50	13,25
Austin Rating	14,50	12,50	Banrisul	14,50	13,25
ARX Investimentos	14,50	12,50	BGC Liquidéz	14,50	13,25
Troster & Associados	14,50	12,50	Sicredi Asset	14,50	13,25
B.Side Investimentos	14,50	12,50	Est Gestão de Patrimônio	14,50	13,25
Somma Investimentos	14,50	12,50	Terra Investimentos	14,50	13,25
Kinlro Capital	14,50	12,50	Bank of America	14,50	13,25
Neo Investimentos	14,50	12,50	BB Asset Management	14,50	13,25
Banco do Brasil	14,50	12,50	Aintelligence	14,50	13,50
Tenax Capital	14,50	12,50	Barra Peixe Investimentos	14,50	13,50
Petros	14,50	12,50	C6 Bank	14,50	13,50
Asset 1	14,50	12,50	EQI Asset	14,50	13,50
Funpresp	14,50	12,50	Medley Advisors	14,50	13,50
Rubik Capital	14,50	12,50	Principal Asset Management	14,50	13,50
Equador Investimentos	14,50	12,50	Reach Capital	14,50	13,50
RPS Capital	14,50	12,50	TAG Investimentos	14,50	13,50
Banco BV	14,50	12,75	XP	14,50	13,50
Veedha Investimentos	14,50	12,75	Porto Asset	14,50	13,50
BCCOM BBM	14,50	12,75	BNP Paribas	14,50	13,50
Ace Capital	14,50	12,75	Acrefi	14,50	13,50
Bradesco Asset Management	14,50	12,75	Galapagos Capital	14,50	13,50
Vivest	14,50	12,75	Azimut Brasil Wealth Management	14,50	13,50
PicPay	14,50	13,00	XP Asset Management	14,50	13,50
ASA	14,50	13,00	Vitor Vidal Consultoria	14,50	13,50
Banco Brng	14,50	13,00	BRCG	14,50	13,50
Barclays	14,50	13,00	FGV/Ibre	14,50	13,75
Coface	14,50	13,00	Análise Econômica	14,50	14,00
Franklin Templeton Brasil	14,50	13,00	Parcitas Investimentos	14,50	14,00
GS Partners	14,50	13,00	JGP	14,50	14,00
MAG Investimentos	14,50	13,00	Brasilprev	14,50	N/D
Panamby Capital	14,50	13,00	MB Associados	14,75	13,00
Paraná Banco	14,50	13,00	SM Managed Futures	14,75	13,00
Quantilas	14,50	13,00	Pantheon Macroeconomics	14,75	13,25
Sicredi	14,50	13,00	Société Générale	14,75	13,50
Siegen	14,50	13,00	Blue3 Investimentos	14,75	14,75
SulAmérica Investimentos	14,50	13,00	Itaú Asset Management	N/D	13,00

Mediana das projeções

Selic dez/26		Selic dez/27		IPCA 2026		IPCA 2027	
Em 13/mar	Em 24/abr	Em 13/mar	Em 24/abr	Em 13/mar	Em 24/abr	Em 13/mar	Em 24/abr
12,25%	13,00%	10,50%	11,00%	4,0%	4,8%	3,8%	4,0%

Fonte: Instituições financeiras e consultorias. Elaboração: Valor. *Projeções coletadas entre 22 e 24/abr/2026

Sem sinais de que a guerra que envolve Estados Unidos, Israel, Irã e Líbano terminará tão cedo, os preços do petróleo se mantiveram na casa de US\$ 100 por barril ao longo de quase todo o período desde a última reunião do Copom, em 18 de março. Com isso, a perspectiva de inflação do mercado piorou e o relatório Focus, do BC, já indica um IPCA acima do teto da meta em 2026 e, para o ano que vem, uma inflação bem mais elevada que os 3% buscados pela autoridade monetária.

Mesmo assim, a expectativa quase unânime é a de que o Copom ainda tem espaço para “calibrar” o grau de aperto monetário, como define o colegiado, já que o atual patamar da Selic comprime significativamente o ritmo da atividade econômica.

A economista-chefe para Brasil do **Morgan Stanley**, **Ana Madeira**, mantém uma visão mais “dovish” (pró-afrouxamento) em relação ao consenso do mercado. Para ela, o BC promoverá um corte de 0,25 ponto na Selic nesta semana, mas poderá acelerar o ritmo em junho e levar a taxa básica a 12% até o fim do ano. A visão foi construída ao observar que, a despeito da volatilidade, assim que houve a eclosão do conflito no Oriente Médio, o Banco Central continuou a indicar que manteve o projeto de cortar juros e que pretende promover uma calibragem das taxas, que, no fim do ciclo, permanecerão restritivas.

“Essa expectativa é baseada, em parte, em alguma melhora no cenário externo, sobretudo em relação aos preços do petróleo. Mas, claro, se não houver nenhum tipo de distensão no campo geopolítico e o petróleo continuar pressionado, admitimos que será difícil o BC ter uma argumentação sólida o suficiente para explicar uma aceleração no ritmo de cortes”, diz.

Para ela, contudo, a desaceleração da economia continua a apontar para a necessidade de uma calibragem no grau de restritividade da política monetária. “A aceleração para 0,5 ponto depende do cenário internacional, mas o ritmo de 0,25 ponto pode continuar, especialmente quando olhamos para o cenário doméstico”, diz Madeira, ainda que avalie o cenário inflacionário com um ponto de preocupação. O Morgan Stanley elevou a projeção para o IPCA deste ano de 3,9% para 4,5% e manteve a estimativa de 2027 em 3,6%.

Quanto à comunicação, Madeira acredita que a decisão de quarta-feira tende a ser semelhante ao comunicado emitido em março em relação ao tom. Algumas mudanças, porém, devem ser observadas, em particular no balanço de riscos. Na expectativa da economista, o balanço deve passar a ser assimétrico, com riscos de alta para a inflação. “Mas, em termos de ‘guidance’, acredito que o BC vai continuar a sugerir que a calibragem deve continuar à frente, sem se comprometer com algum tipo de ritmo de corte.”

Em meio à incerteza imposta pela guerra, observar a comunicação do Copom será crucial para entender quais serão os passos adiante, avalia o diretor de investimentos da **Funpresp**, **Fabiano Soares dos Santos**.

“Sabemos que a volatilidade do mercado aumentou muito e que, em março, na reunião do Copom, o conflito no Oriente Médio ainda era muito recente e ainda não se tinha dimensão dos impactos. Olhando agora, o BC ainda não tem os requisitos necessários para mudar a política monetária e o mercado ainda acredita na tendência de queda da Selic, ainda que haja mais incerteza”, diz o executivo, que projeta um corte de 0,25 ponto nesta semana e uma Selic de 12,50% no fim de 2026.

Luis Cezario, economista-chefe da **Asset 1**, não espera alterações significativas na comunicação do Copom e, mesmo no balanço de riscos, embora entenda que há hoje alguma assimetria de alta para o cenário inflacionário, diz não ter clareza de que o comitê terá consenso suficiente para alterar a sua definição como “simétrico”.

De qualquer forma, Cezario segue o consenso do mercado ao entender que uma redução de 0,25 ponto da Selic é a decisão mais provável, sem uma indicação clara do que o Copom fará adiante. “Tenho a impressão de que o tom vai ficar semelhante ao [comunicado] anterior: vai sinalizar que tem espaço para continuar cortando, mas evitar dar ‘guidance’ claro sobre ritmo”, diz ele, que destaca menções de membros do Copom a certa “gordura” nos juros depois do processo de aperto que levou a Selic a 15% no ano passado.

“Nos parece que, para fazer qualquer sinalização no sentido de parar o ciclo, precisaria ter uma deterioração de cenário muito acentuada”, avalia Cezario. “Eles têm um orçamento [de cortes], menor do que antes, mas tem algum espaço”, completa o economista, que projeta a Selic em 12,50% no fim deste ano.

De visão mais conservadora, **Daniel Xavier**, economista-chefe do banco **ABC Brasil**, entende que o Copom seguirá cortando a Selic em 0,25 ponto até o fim de 2026, o que levaria o juro básico a 13,25% — ligeiramente acima da mediana das projeções do mercado, de 13%.

“Ele vai entregar [o corte de] 0,25 ponto, reafirmar que está de olho no conflito e em seus efeitos, ao mesmo tempo em que reforça que vem de um período longo de juros restritivos. Será a continuidade do ciclo de uma maneira cautelosa, com serenidade”, diz Xavier, repetindo os termos usados pelo próprio Copom no comunicado da decisão de março.

Para o economista, o Copom deve manter o balanço de riscos simétrico, uma vez que entende que seria “contraditório” reduzir os juros com risco de alta para a inflação. Além disso, espera uma redução da projeção de inflação do horizonte relevante da política monetária, de 3,3% para 3,1%. Segundo Xavier, a rolagem do horizonte do terceiro para o quarto trimestre de 2027, a apreciação recente do real e uma Selic mais alta projetada pelo Focus serão suficientes para compensar o efeito do avanço do petróleo sobre a projeção do modelo do BC.

Já o cálculo da Asset 1 aponta resultado diferente, comenta Cezario. “A nossa projeção fica entre 3,3% e 3,4%. Como é provável que tenha uma piora adicional das expectativas [de inflação] na segunda-feira [hoje], nos parece mais provável que a projeção suba a 3,4%”, diz.

O economista-chefe da **Azimut Brasil Wealth Management**, **Gino Olivares**, desafia a ideia de que a Selic tem uma gordura para o BC seguir cortando diante da mudança no quadro inflacionário após a eclosão da guerra. “O que vejo agora é que o avião não está pousando, mas arremetendo. Não há como saber, neste momento, até onde o avião vai subir nessa arremetida. Logo, nem eu nem o BC sabemos quanto da margem que havia para reduzir os juros se manteve após esse movimento”, diz.

Olivares reconhece, no entanto, que manter o ciclo de cortes em um ritmo de 0,25 ponto ou promover uma pausa, aguardando novas informações, são estratégias semelhantes em seus efeitos, já que o atual nível de restrição da política monetária é elevado.

O economista chama a atenção para o fato de que, nos próximos três meses, a inflação deve continuar subindo. E, enquanto a inflação corrente sobe, as expectativas dificilmente cairão. “Vamos conviver com inflação pressionada, e ela só recuará com números bem abaixo do esperado — o que não deve acontecer tão cedo.”

Assim, o caminho de menor atrito do Copom, segundo Olivares, deve ser o de seguir cortando os juros, mas com uma mensagem de que a chance de uma pausa se tornou real. “A chance de parar é real. Definitivamente, não é zero. Talvez esse seja o recado mais importante que o Copom precise transmitir — e o mais difícil de colocar em palavras”, nota.

Para os economistas do **Société Générale**, aliás, este deveria ser o cenário-base. Diante da incerteza no Oriente Médio, aumento das expectativas de inflação e sinais mistos da economia doméstica, o Copom deveria manter a Selic em 14,75% nesta quarta-feira, defende o banco francês em relatório.

“Os riscos continuam inclinados para juros mais baixos no curto prazo e para juros mais altos no médio prazo. No curto prazo, o BC pode sentir-se compelido a aproveitar os níveis de inflação ainda moderados, especialmente considerando que as taxas reais permaneceriam significativamente restritivas mesmo com alguns cortes. Além do curto prazo, no entanto, com as expectativas de inflação para este ano já acima do teto da meta, qualquer desvio adicional — especialmente em 2027 — poderia restringir a trajetória de flexibilização”, avaliam os economistas do banco.